

COMEMORAÇÕES 7.º ANIVERSÁRIO DO MUSEU DO NEO-REALISMO

VILA FRANCA DE XIRA

20 de Outubro de 2014

— SESSÃO DE HOMENAGEM AO ARQUITECTO ALCINO SOUTINHO —

PROFESSOR DOUTOR SIDÓNIO PARDAL

Uma recordação marcante que retenho de Alcino Soutinho remonta a 1984. No seu *atelier* passámos uma tarde de conversa, sentados à mesa de trabalho, onde havia uma cuidada desarrumação e ao lado, no painel de parede, estava afixado um texto de Fernando Pessoa sobre estética. *“Só a sensibilidade cria” (...)* *“a simples ideia intelectual de beleza não habilita a criar beleza porque só a sensibilidade verdadeiramente cria” (...)* *“a obra de arte é primeiro obra, depois obra de arte”*¹

Soutinho architectava a sua vida num domínio de elaborado recato. Cultivava a amizade, o convívio elegante e o quase cerimonial rigor afectivo. Apreciava as coisas elevadas à sua essência e evitava, de forma atenta e delicada, os ambientes turbulentos. No entanto, enfrentou os desafios nas ocasiões em que, para além do desassombro intelectual, era também necessário coragem. Em 1956, era estudante finalista do curso de arquitectura da ESBAP quando, em luta pela liberdade de expressão, foi preso pela polícia política do Estado Novo, o que atrasou um ano a sua formatura.

Empenhado em conhecer as ideias que se debatiam nos meios académicos da Europa, passa o ano de 1961 em Itália com uma bolsa de estudo. Familiariza-se com um meio cultural aberto e informado onde o estudo integrado das artes, com particular atenção para a arquitectura e o urbanismo, estava em plena expansão. Convive com Franco Albini, Ignacio Gardellae e Pierluigi Nervi, arquitectos que admira, frequenta os seus *ateliers* e tece-se uma relação de amizade recíproca que

¹ Fernando Pessoa

perdurou ao longo das suas vidas. A influência da cultura italiana, no domínio da crítica instrumental das artes, densifica-se mais tarde com o pensamento filosófico de Giulio Carlo Argan a que se juntarão figuras como Manfredo Tafuri e Francesco Dal Co.

Soutinho apura em Itália a consciência de que a sua arquitectura não vai ser regionalista para se desenvolver na linguagem das vanguardas cosmopolitas do seu tempo. Colhe também em Itália o gosto por um certo *estilo de vida* onde tem lugar a poética do quotidiano preenchido pelos afectos e pelo empenho no trabalho, com uma serenidade activa e contemplativa, em síntese, um entendimento profundo do sentido da vida, iluminada por uma estética viscontiana e teluricamente enraizada na vida cultural do Porto, a sua cidade.

Sempre afável, interveniente, discreto, generoso, presente e despretensioso mas com a ambição determinada de levar a sua arquitectura ao absoluto da Arte. A par de uma disciplina profissional e de uma conduta de cidadania democrática, Soutinho dá-nos uma arquitectura de autor, resultado de um acto íntimo de criação do belo, objectivado na obra de arte e imbuída de um compromisso ético.

Foi um coordenador clarividente e seguro, com elevado profissionalismo, respeitado pela equipa de colaboradores que reconhecia nele a maestria do traço que dá a força expressiva à obra que se sente e emociona. Nesta relação, entre o Mestre e a sua equipa, está presente que a obra de arte é um trabalho de autor onde este sabe “que rejeita o que é puramente pessoal”², como condição para alcançar o seu sentido estético, apreensível pela sensibilidade.

A sua relação com os clientes tinha uma vertente pedagógica, conduzida pacientemente com espírito de missão. Sabia equacionar e distinguir a encomenda de edifícios públicos, onde geralmente há um desafio de representatividade e de carga simbólica, diferente das equações que se apresentam na encomenda feita por entidades privadas, mais motivada pela lógica económica do investimento. Em qualquer caso foi intransigente, digo mesmo radical, na sua habilidade diplomática para conquistar e exercer a liberdade necessária e inerente à criação do objecto arquitectado como obra de arte.

² Fernando Pessoa.

Soutinho sofria e reagia tempestivamente perante situações de insensibilidade estética. Assim acontecia, quando confrontado com a impossibilidade de comunicar e de argumentar com quem não é capaz de sentir que a arquitectura tem por finalidade criar edifícios e espaços concebidos para terem sentido útil e serem belos, despertando a sensibilidade dos utentes para o prazer da sua fruição.

A arquitectura, como Soutinho a entendia, não é neutra, mas antes profundamente empenhada num processo de desenvolvimento cultural e socioterritorial. A sua obra pauta-se por uma afirmação alinhada e solidária com a vanguarda do seu tempo num compromisso ético de mudança e de afirmação de valores sociais. Daí que, para melhor ser compreendida, careça de ser contextualizada no lugar e no tempo.

Soutinho é seguramente um dos mais notáveis arquitectos da segunda geração da escola do Porto, revelando influências de mestres como Carlos Ramos, Arménio Losa e Viana de Lima, a par de leituras e interpretações dos movimentos vanguardistas da arquitectura internacional, onde me atrevera a salientar: Louis Kahn cuja obra, expressão de monumentalidade sóbria, de severidade amenizada por cuidadas composições de volumes submetidos a métricas e temperados por uma escala humana, era apreciada por Soutinho sem contudo perfilhar da sua mística; Paul Rudolph com as suas revisitações líricas interpretadas à luz do catecismo ortogonal e funcionalista da herança racionalista; Richard Meier desenvolvendo o lirismo expressionista de Rudolph, mas retomando temas compositivos da gramática corbusiana e do expressionismo dos anos 20; Erich Mendelsohn autor que, de modo tão magistral e seguro, soube integrar a poética expressionista no rigor de clareza compositiva do funcionalismo alemão; e Frank Lloyd Wright com a sua independência e imaginação fértil dedicada à experimentação de novos materiais e métodos construtivos. A obra de Alvar Aalto é uma referência especialmente cara a Soutinho, que a estudava e admirava com o encantamento do que nela apela à contemplação e ao prazer sensorial de estar.

Cultivava um pensamento crítico, educado no respeito pela razão e reflexão sobre as diferenças e as singularidades das regiões e dos sítios. Desconfiava de generalizações e de consensos, por serem mais próprios da negociação de interesses e, de todo, deslocados e inaceitáveis na esfera das ciências e das artes

onde só há lugar para a demonstração da verdade e para a autenticidade conseguida. Daí a leitura distanciada do manifesto da Carta de Atenas (1931). Identificava-se com as críticas e posições do movimento que a partir de 1953 apontou a necessidade óbvia de atender às características geomorfológicas e climáticas dos sítios, enfim, à contextualização da encomenda na realidade social e territorial. O princípio de trabalhar sobre as diferenças naturais dos sítios não interfere com a recusa dos regionalismos e nacionalismos estilísticos e “estéticos”. Convenhamos que são coisas distintas.

Alinhando, portanto, com as críticas ao 10.º (e último) CIAM de 1956, reconheceu, assim como Leonardo Benevolo, a necessidade de uma arquitectura e de um urbanismo em que *“a adesão à realidade nas suas articulações locais e particulares — orienta cada um em direcção a um itinerário diferente que com o correr do tempo se revela irredutível a um movimento comum”*³.

No contexto português, reconhecendo o mérito histórico e etnográfico do inquérito “Arquitectura Popular em Portugal” foi dos arquitectos que manteve uma leitura coerente e avisada dessa informação, dando-lhe o seu valor na justa medida, sem se render a anacronismos que frontalmente criticou por “haver um certo folclorismo à volta disso”⁵. Sem cultivar nostalgias, soube salvaguardar os valores e as memórias úteis, inspiradoras e merecedoras da atenção da História. As suas intervenções de restauro, reabilitação e conversão de edifícios antigos são testemunho dessa erudição (veja-se o Museu Amadeo Souza Cardoso em Amarante e a Pousada de S. Dinis em Vila Nova de Cerveira).

Decididamente aplicado à criação da sua arquitectura, sempre curioso e aberto ao que acontecia no mundo, era avesso a modas, pré-figurações, receituários e recusou explicitamente seguir os preconceitos culturalistas que se vão sucedendo e que conseguem ficar mais em voga e com carácter oficial, a partir dos anos 70.

³ Benevolo, L. “O Último Capítulo da Arquitectura Moderna”. Edições 70. Lisboa: 2009.

⁵ Lopes, C. “Arquitectura e Modos de Habitar. Conversas com arquitectos.” Edições CIAMH. Lisboa: 2013.

Atento, informado sobre a arquitectura que se fazia pelo mundo queria chegar “*aos horizontes mais amplos*”⁶.

O racionalismo em Soutinho não é uma abstracção estereotipada em formas geométricas convencionais, mas antes uma criação substantiva, materializada no simbolismo dos elementos construídos e na expressão compósita das partes singulares que moldam os espaços arquitectados e os apresentam como coisa sentida e produzida por um pensamento metódico de projecto. Não cai na ingenuidade de pretender ser o produto de um pensamento racional na asserção do método científico, mas sim uma razão em si, criada e reconhecida pela sensibilidade, emotiva, pessoal e aberta às infinitas leituras do mundo. O génio do arquitecto manifesta-se nessa intuição selectiva que, no acto da concepção, capta o essencial e objectiva-o na obra.

Metódico numa experimentação prudente e comparada de obra para obra, praticava uma concepção crítica e selectiva, ao mesmo tempo que ousada e validada, pela sua autenticidade, nos resultados. Pode dizer-se que o discurso arquitectónico de Soutinho constrói uma síntese de significados de lirismo racionalista, de modernismo clássico, de desconstrutivismo disciplinado e de minimalismo ocasional. Sem menosprezar a influência e o apoio que o arquitecto colhe das teorias e das técnicas, a substância sensível da obra arquitectada, o que nela agrada plenamente, resulta da sensibilidade do arquitecto.

A harmonia, a proporção e a expressão do belo na arquitectura são resultado da sensibilidade educada e experimentada do arquitecto.

A sua abordagem ao projecto parte das condicionantes concretas do sítio, da equação dos factores em jogo, desde o programa da encomenda até à utilização funcional dos espaços, vistos sempre como *interiores*, definidos e contidos pelos elementos que os localizam e os configuram topologicamente como *abertos*, o que significa tão-só que têm sentido próprio como partes de um todo, demarcando-se como objectos estruturantes no sistema socioterritorial.

A sua obra mais densa e trabalhada no detalhe é seguramente o edifício da Câmara Municipal de Matosinhos, cujas formas desenvolvem fluentemente uma

⁶ Idem.

linguagem de monumentalidade moderna e conseguida no corpo e planos de fachada. A colunata, de inspiração classicista e abstractizante, conjuga a geometria ortogonal racionalista com superfícies curvilíneas que alcançam uma expressão cénica. Subtilmente, a singularidade da imagem exterior do edifício revela-se e estrutura-se a partir das interioridades. A topologia dos espaços interiores é resolvida por um inteligente rigor, sensível à funcionalidade programática como se pode constatar no “núcleo da presidência” onde a sala de espera, os gabinetes do secretariado e o gabinete e sala de reuniões do presidente têm autonomia própria, com o seu corredor de serviço reservado. Aqui, as partes distribuem-se e agregam-se com uma lógica que se revela ao utilizador e o conforta. A definição dos espaços pelos planos das paredes, tectos, portas, pavimentos e fenestraçãoes é trabalhada com um detalhe que materializa e exprime a ideia arquitectónica do autor e a sua sensibilidade profundamente poética. A memória que se retém da sala de espera transcende-se, remetendo para uma combinação do dourado das cantarias e silharias de calcário e do latão e bronze das caixilharias com o azul aveludado do mobiliário e o calor das madeiras, numa proporção que surpreende por corresponder ao mais profundamente esperado e determinado pelos princípios mais insuspeitos da harmonia.

A ideia arquitectónica desenvolve-se até aos mais pequenos detalhes, controlando a densidade afirmativa dos objectos na exacta medida dos seus significados. Nada de decorativo. Não há acessórios adjectivantes. A sintaxe do discurso arquitectónico limita-se ao essencial para a materialização da ideia e à expressão de uma espiritualidade depurada.

O nosso último encontro foi a 30 de Setembro de 2011, por ocasião da aula magistral que, a meu convite e do Professor Manuel da Costa Lobo, Soutinho deu no curso de Pós-Graduação em Planeamento Regional e Urbano na Universidade Católica do Porto (Fig. 1), onde apresentou imagens comentadas de partes da sua obra, observadas numa perspectiva urbanística.



Figura 1. Aula magistral, a 30 de Setembro de 2011, na Universidade Católica do Porto.



Figura 2. Marginal de Vila do Conde.

Mostrou a sua intervenção na “Marginal de Vila do Conde” (Fig. 2), onde exemplifica a ruptura conceptual com as formas tradicionais da cidade, dando lugar a rematerializações moldadas pela exploração de novas geometrias. Nesta frente marítima, o pavimento betuminoso e o traço preciso dos muretes de remate criam uma composição de fragmentos contrastadamente expostos onde o campo panorâmico, da orla marítima e do mar, mostra a sua imagem bruta em contraponto com a expressão da obra arquitectónica minimalista mas com toda a força da sua presença. O silêncio da ideia arquitectada não a apaga, convocando à contemplação do geomorfismo de uma natureza bruta captada e interiorizada na ideia arquitectada. Este projecto trata um trecho da costa conexo com outro que, em simultâneo, estava a ser desenvolvido por Álvaro Siza Vieira, a norte. Sendo projectos de autores distintos e encomendas autónomas, comungam a sensibilidade de que, curiosamente, resultou a continuidade gramatical da arquitectura do percurso e da lógica funcional. A harmonia esclarecidamente posicionada e a complementaridade compósita das duas obras são de tal modo conseguidas que é difícil distinguir onde termina uma e começa a outra.

A qualidade e complexidade dos projectos que realizou para os mais diversos tipos de edifícios não foi motivo para alterar o seu sistema quase artesanal de trabalho, onde fluíam e se conjugavam a arte e as técnicas, a imaginação e o sentido prático dos processos construtivos. A robustez e o poder de sobrevivência funcional das estruturas e dos acabamentos, a economia e facilidade de conservação e de limpeza dos espaços eram questões essenciais para o professor da disciplina de

Construção, que Alcino Soutinho regeu e leccionou no curso de Arquitectura na ESBAP.

Atento à realidade e empenhado em apoiar a evolução do conhecimento e da tecnologia da construção, verberava o falso progresso instalado na burocracia administrativista que cerca e agride a prática da arquitectura com directivas, certificações deslocadas e abusivas e outras imposições de interesses corporativos que desmantelam e impedem o processo conceptual inerente ao trabalho do arquitecto como profissional independente.

A obra de Soutinho é uma arquitectura insubmissa. Tem, na sua essência, vontade e acto de transgressão consequente. É sensorial, "*fundamentada na prática*"⁹ e não obedece a pré-conceitos, regras ou princípios teóricos. Confronta-se com a história e nela se afirma com a força radical do que muda o mundo para melhor.

Vila Franca de Xira, 20 de Outubro de 2014



⁹ Lopes, C. "Arquitectura e Modos de Habitar. Conversas com arquitectos." Edições CIAMH. Lisboa: 2013.